

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO PROCESSO INCLUSIVO DE CRIANÇAS AUTISTAS
THE IMPORTANCE OF SCHOOL IN THE INCLUSIVE PROCESS OF AUTISTIC CHILDREN
LA IMPORTANCIA DE LA ESCUELA EN EL PROCESO INCLUSIVO DE NIÑOS AUTISTAS

 Joelma Caparroz¹

 Paulo Eduardo dos Santos Soldera²

1. Profa. Esp. em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte Paulista – UNORP. Mestranda em Psicologia pela Universidad Europea del Atlántico. Diretora do Instituto da Vida e Professora no Centro Universitário de Rio Preto, UNIRP. E-mail: psi.caparroz@gmail.com
2. Prof. Dr. Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP; Faculdade de Americana, FAM. E-mail: contato@gerenciaambiental.com.br

ABSTRACT: The general objective of the research was to analyze the importance of the school in the inclusive process of children with autism. It was possible to identify the relevance for the acquisition of communicative skills and how the interventions found in the school environment represent important elements for a better prognosis and development of the autistic child. The results showed that the educational inclusion of autistic children represents a slice of the social inclusion of these individuals. It is important to have a partnership between school and family, as parents are carriers of valuable information that collaborate with the planning of educational interventions. The educational strategies developed in the school environment must be continued at home, for this, it is concluded that the pedagogical proposals and the understanding of the individual with autism are a parallel work with the family members and the interventions promote reciprocal effects.

Keywords: Autism. Social inclusion. Educational Inclusion. School and Family.

RESUMO: A pesquisa teve como objetivo geral analisar a importância da escola no processo inclusivo de crianças com autismo. Foi possível identificar a relevância para aquisição de habilidades comunicativas e de que forma as intervenções encontradas no âmbito escolar representam elementos importantes para melhor prognóstico e desenvolvimento da criança autista. Os resultados mostraram que a inclusão educacional de crianças autistas representa uma fatia da inclusão social desses indivíduos. É importante haver parceria entre escola e família, pois os pais são portadores de informações valiosas que colaboram com o planejamento de intervenções educacionais. As estratégias educacionais desenvolvidas no âmbito escolar devem ter continuidade dentro de casa, para isso, conclui-se que as propostas pedagógicas e a compreensão do indivíduo com autismo são um trabalho paralelo com os familiares e as intervenções promovem efeitos recíprocos.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão Social. Inclusão Educacional. Escola e Família.

RESUMEN: La investigación tuvo como objetivo general analizar la importancia de la escuela en el proceso inclusivo de niños con autismo. Fue posible identificar la relevancia para la adquisición de habilidades comunicativas y de qué manera las intervenciones encontradas en el ámbito escolar representan elementos importantes para un mejor pronóstico y desarrollo del niño autista. Los resultados mostraron que la inclusión educativa de niños autistas representa una parte de la inclusión social de estos individuos. Es importante que exista una colaboración entre la escuela y la familia, ya que los padres poseen información valiosa que contribuye a la planificación de intervenciones educativas. Las estrategias educativas desarrolladas en el entorno escolar deben tener continuidad en el hogar, por lo que se concluye que las propuestas pedagógicas y la comprensión del individuo con autismo son un trabajo paralelo junto a los familiares y las intervenciones generan efectos recíprocos.

Palabras clave: Autismo. Inclusión Social. Inclusión Educativa. Escuela y Familia.

Recebido em: 28/05/2023

Aprovado em: 30/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

O autismo infantil é definido conforme critérios clínicos, que consiste em transtorno de desenvolvimento de etiologias múltiplas. Entre as características apresentadas, afeta o indivíduo em diversos graus da área de interação social, comunicação, comportamento e dificuldades comportamentais (SCHWARTZMAN, 2011). Na atualidade, passou-se a utilizar o termo espectro autista, devido a muitas particularidades envolvidas em respostas inconsistentes a estímulos e dado o perfil heterogêneo de prejuízos e habilidade. Embora apresentem pouco interesse no estabelecimento de relações, dificuldades comportamentais e interação social e níveis de dificuldade de reciprocidade emocional, a literatura mostra a importância da interação social para o desenvolvimento das crianças com espectro autista e adaptação, considerando suas características individuais (NOGUEIRA, 2009).

Apesar de suas dificuldades centrais provenientes do espectro autista compreenderem diferentes graus de comprometimento, estudos recentes mostram a importância dos aspectos sociais de interação no processo de aquisição de linguagem, dado o desenvolvimento de comunicação interacional ser fundamental e de grande relevância para comportamentos gestuais e verbais (EVELLYNE *et al.*, 2014). A escola é destacada por Evelyne *et al.* (2014), como um espaço que favorece o desenvolvimento infantil dado pela oportunidade de conviver com outras crianças e dado o papel fundamental do professor de mediar e favorecer diversas habilidades desse indivíduo.

Já Fiaes e Bichara (2009) defendem a importância do contexto escolar diante da oportunidade de contato social e o favorecimento de desenvolvimento da criança autista e demais crianças, por estarem convivendo e aprendendo umas com as outras sobre suas diferenças. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a importância da escola no processo inclusivo de crianças com autismo. Como objetivos específicos, buscou-se: identificar a relevância para aquisição de habilidades comunicativas; analisar a fusão entre terapia e educação como elemento indispensável para melhores resultados para essa criança; identificar como intervenções apropriadas encontradas no âmbito escolar representam elementos importantes para melhor prognóstico e desenvolvimento.

Para isso, levantou-se a questão norteadora do estudo: Como o uso de estratégias no âmbito escolar e intervenções eficazes podem melhorar as habilidades sociais e trazer resultados na capacidade social das crianças autistas? A metodologia utilizada para construir a pesquisa é meramente bibliográfica, tem caráter exploratório e abordagem qualitativa, feita através de pesquisa em livros, revistas, artigos científicos.

Referencial teórico

O transtorno Autista

O termo autismo foi usado pela primeira vez pelo suíço Eugene Bleurer em 1911 para definir os sintomas da esquizofrenia como escapismo. Atualmente, a pesquisa indica que a incidência típica de autismo é de dois a cinco por 10.000 pessoas. Isso mostra necessidade de atenção que deve ser dada a essas crianças, pois ao ingressarem na educação formal, elas ocuparão diferentes espaços que não estão prontos para sua chegada, exigindo mais infraestrutura e profissionais capacitados (APORTA; LACERDA, 2018).

A idade de início dos primeiros sintomas do autismo, na maioria das crianças, pode ser em torno dos primeiros três anos de vida. As causas são variadas e podem afetar todos os mesmos sistemas cerebrais, e tem uma base biológica e um forte componente genético. Vários genes podem interagir com fatores ambientais para causar doenças, mas exatamente o que esses genes são não está claro.

Em termos de inteligência, as crianças com transtornos do espectro do autismo variam de alunos com graves dificuldades de aprendizagem a alunos com capacidade acima da média. Alunos com esse transtorno com dificuldades de aprendizagem graves ou profundas requerem abordagens específicas (CREPALDI; BAUMER, 2019).

O autismo é visto como inadequação no desenvolvimento, se manifestando de forma grave em toda a vida da criança. Ele pode vir acompanhado de deficiência mental, muito comum, que pode ser severa ou moderada, o que deve ser considerado em escolas e programas educacionais, para que se tenha planejamento sobre o nível de independência, ampliação de comunicação e convívio social dentre outras aprendizagens.

O autismo pode ainda ocorrer em níveis intelectuais genéricos, sendo classificadas pelas reações, sensações, fala, linguagem, relacionamento anormal com pessoas, objetos e eventos. No passado, o autismo já foi classificado como doença mental ou psicose. Mas na atualidade, denominado como desordem aguda do desenvolvimento, a primeira prioridade como tratamento é a educação.

Ambiente escolar e inclusão

O conhecimento adquirido por meio de interações na infância tem vários benefícios, especialmente ajudando a refinar comportamentos de aprendizagem que permitem que as crianças se envolvam melhor em atividades sociais. A importância do contexto é um dos aspectos enfatizados pela teoria bioecológica, que pode ser expresso em termos do conceito teórico de interação social.

A escola enquanto espaço para desenvolvimento infantil traz a oportunidade de convivência com as demais crianças, favorecendo a aquisição de outras habilidades. Além de ser fundamental para as outras crianças, que no contexto escolar, convivem e aprendem sobre suas diferenças.

Entre os benefícios da inserção da criança com autismo em grupos homogêneos, estudos mostram que crianças mais capazes atuam como mediadoras nesse processo de aprendizagem e essas trocas remetem conceitos básicos de mediação, desempenhando um papel fundamental de troca em que crianças estabelecem com as outras e com adultos, exercendo fundamental importância para o desenvolvimento e aprendizagem.

No contexto de inclusão escolar, alguns autores defendem que há prejuízos e limitações sobre características do autismo e da inserção dessas crianças em ambientes escolares. Entretanto, nota-se que é uma prática historicamente utilizada para o retrocesso e não inserção dessas crianças nas escolas.

Embora seja uma prática difícil, que requer qualificação, conhecimento e ambiente com profissionais capacitados, é importante considerar os benefícios da vivência escolar em termo de interação social e para o desenvolvimento das habilidades cognitivas de crianças com espectro autista.

No estudo feito por Evelyne *et al.* (2014) os resultados mostraram que a partir do comportamento dos professores e das crianças com espectro autista sobre o fluxo de interações estabelecidas no contexto escolar, foi possível analisar comportamentos como: observar, apontar, mostrar, gesticular, apoio físico, demonstração de afeto, diretivo de atenção, instrução, informação, olhar pessoas, ações, objetos, se dirigir a pessoas, iniciativa de se dirigir a ações e objetos, respostas adequadas, interação passiva, esquivas e isolamento.

Para Rocha (2006) é importante que o adulto demonstre mais comportamentos dedicados a atenção para o que a criança está fazendo e no que ela consegue fazer ou não, para realizar intervenções mais favoráveis para seu desenvolvimento. Para Silva (2010) aproveitar a atenção de crianças com autismo e sua iniciativa, para explorar determinados objetos e usar como via para estabelecer e manter trocas de ações com as crianças pode ser uma forma frutífera de enriquecimento de contato social com outras crianças e adultos.

Nos resultados dos estudos de Evelyne *et al.* (2014) observou-se que entre os comportamentos de iniciativa, as crianças com autismo se dirigiram com maior frequência a ações do que a pessoas e logo em seguida, obteve-se mais retorno a ações direcionadas a objetos no âmbito escolar. Na rotina escolar, observou-se que as crianças participam ativamente com professores que observem e adotem estratégias para favorecer a interação social e o comportamento de iniciativa das crianças.

O objetivo da educação especial é a redução de obstáculos que possam impedir o indivíduo no desempenho completo de atividades e da participação plena em sociedade. Com a educação inclusiva, as

práticas representam uma grande evolução. Mas é importante compreender que o processo de inclusão apresenta uma conotação com a integração escolar.

Enquanto a integração insere o aluno na escola, esperando que este se adapte ao ambiente, a inclusão é o redirecionamento das estruturas físicas da escola, atitudes e percepções de educadores. A inclusão educacional é um direito à educação e todas as pessoas possuem esse direito. Promover a inclusão significa mudança de postura sobre a deficiência e quebra de paradigmas, reformulando o sistema de ensino para conquistar uma educação de qualidade, com acesso, atendimento adequado, independente das diferenças ou necessidades.

O termo inclusão se articula com os direitos humanos, democráticos e influências locais, ideológicas, sociais, econômicas, culturais. Essa luta histórica de pessoas com deficiência por direitos é mundial e se dá através de declarações e convenções. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 208 postulou o atendimento educacional para indivíduos com deficiência em rede regular de ensino, direito garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 e através do Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Para que a educação seja de qualidade e para todos considerando a diversidade dos alunos na sala de aula, possibilidades e recursos foram promovidos com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e com o Atendimento Educacional Especializado – AEE (WEIZENMANN; PEZZI, 2020).

A escola pode participar dessas políticas públicas com o compromisso de atender a diversidade humana adaptando-se às necessidades individuais dos alunos, não excluindo nem julgando como diferentes, o que se reflete no ensino-aprendizagem e em relações interpessoais no contexto escolar. Outra mudança de paradigma é a construção e desconstrução das crenças sobre a deficiência e suas (im)possibilidades.

Como as crenças são construídas pela experiência e vivências, exercem influência no processo de ensino-aprendizagem, pois referem a julgamentos, valores, educação e se manifestam pelo professor de forma (in)consciente. Para tanto, o professor se constitui como fundamental nesse processo, os alunos com deficiência e os alunos sem deficiência.

Ao oferecer educação especial como serviço na escola e práticas inclusivas, é necessário também tratar da necessidade de formação de professores que atuarão nas classes inclusivas. A demanda de inclusão chega a escolas, antes da preparação de professores, mas a solução é a capacitação do profissional em serviço, com programas de formação continuada.

Entre as práticas pedagógicas eficazes e mais apropriadas aos alunos autistas, nota-se uma grande evolução, que é conquistada pelos professores com planejamento e desenvolvimento, bem como, com assessoria pedagógica adequada. Podem ser vistos como benefícios da inclusão do aluno no comportamento

da criança e no ambiente familiar. A convivência de crianças especiais junto às demais crianças pode colaborar para a promoção de aprendizagens diversas (NUNES, 2003).

No tocante às melhoras significativas, podem ser citadas a concentração em atividades propostas, o estabelecimento de um relacionamento com os colegas, atender ordens e outros pontos positivos. Na família, esses efeitos e melhoras também são considerados positivos, investimento maior na aprendizagem e dando credibilidade às potencialidades da criança.

A escola se torna um espaço único, social, que divide com a família do aluno a responsabilidade de educar, favorecendo a transição entre diferenças individuais e necessidades do grupo, ao passo que oferta oportunidades de comportamento e de socializadores (SERRA, 2004).

A inclusão de portadores de necessidades especiais precisa ser respeitada visando aquisição de comportamentos sociais aceitáveis, observando necessidades de cada educando e levando aos pais um comportamento mais realístico que evite fantasia de cura. Sabendo que o processo de aprendizagem da criança autista é lento, se faz necessário eleger melhores prioridades e o que compor no currículo da criança, conscientizando os pais sobre malefícios da infantilização e dos benefícios de aprendizagem da independência, focando o desenvolvimento de potencialidades do autista.

Conclusão

A educação de crianças autistas representa um desafio para os profissionais de educação, dada a singularidade e a falta de conhecimento sobre a melhor forma de educar ou de intervir. Mas para compreender o autismo é necessária aprendizagem constante.

A inclusão escolar e o autismo caracterizam a escola como sendo um espaço importante para o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais para os autistas. O ato de incluir o aluno com deficiência em escola regular não pode ser mais visto como ato obrigatório, mas como prática apoiada no paradigma educacional e voltado à defesa de diversidade, direitos humanos, pois trata-se de um processo social complexo que tem como resultado ações estabelecidas pelos agentes distintos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Em análises sobre as interações sociais no contexto escolar foi possível verificar a importância da participação da criança autista e da mediação do professor e demais crianças. Ao compreender o comportamento desses indivíduos com espectro autista, observa-se que podem ser influenciados pelo contexto interativo em que estão inseridos, pela mediação do adulto e de cada particularidade.

Nesse viés, a literatura foi enfática em tratar da história da Educação Especial e da escolarização em crianças autistas, de forma expressiva junto à participação da família nessas conquistas de direitos,

dificuldades e dores. Desse modo, a intervenção terapêutica e educacional precoce são para a criança autista, um grande benefício, com atendimento intensivo e procedimentos psicopedagógicos.

Entre as famílias de portadores de autismo, notou-se que a falta de troca de afeto e de comunicação costuma ser uma grande dificuldade, pois os autistas apresentam dificuldades específicas para entender sentimentos, resultado da inabilidade cognitiva.

Para colaborar para o desenvolvimento na escola, a família pode fornecer aos profissionais informações de formas de comunicação. Ao inserir a criança no seio escolar, a criança frequentará um grupo social e terá oportunidades de conviver com outras crianças, assim como os pais passam a conviver com os demais pais e um novo universo, acreditando nas possibilidades de aprendizagem sistemática e desenvolvimento de seus filhos.

Referências

APORTA, A. P.; LACERDA, C. B. F. Estudo de caso sobre atividades desenvolvidas para um aluno com autismo no ensino fundamental I. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 1, p. 45-58, jan/mar., 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000100045>. Acesso em: 18 mai. 2023.

CREPALDI, J.; BAUMER, É. R. Inclusão do Autista da Educação Infantil. **Saberes Pedagógicos Revista do Curso de Graduação de Pedagogia Unesc**, v. 3, n. 1, janeiro/junho 2019. Disponível em <<http://periodicos.unesc.net/pedag/article/view/3717>> Acesso em: 18 mai. 2023.

EVELLYNE, L. M. D. L.; SALOMÃO, N. M. R.; RAMOS, C. S. A. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 1, n. 20, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/GS4c9BPW9PW8ZqzBGjx7Kzj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2023.

FIAES, C. S.; BICHARA, D. Brincadeiras de faz-de-conta em crianças autistas: limites e possibilidades numa perspectiva evolucionista. **Revista Estudos Psicologia**, v. 14, n. 3, p. 231-238, 2009.

NOGUEIRA, S. E. **Autismo e desenvolvimento**. In: SEIDL-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L. F.; PÊSSOA, L. F. (Org.). *Interação social e desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2009. p.191-205.

NUNES, D.R. **Efeitos dos procedimentos naturalísticos no processo de aquisição de linguagem através de sistema pictográfico de comunicação em criança autista**. In: NUNES, L.R. (org.) *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.

ROCHA, J. T. A. **Interação mãe-criança com sintomatologia autística**: análise dos estilos comunicativos. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

SCHWARTZMAN, J. S. **Neurobiologia dos transtornos do espectro do autismo**. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. (Org.). **Transtornos do espectro do autismo** (São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2011. v. 6, p. 65-111.

SERRA, D. C. G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular**: desafios e processos. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UERJ, 2004.